

Perspectivas

Qual o futuro dos museus? Para onde caminha o Museu da Vida? Quais as suas perspectivas para os próximos anos? A história recente do Brasil nos ensina que a democracia no país ainda é frágil, com instituições muito vulneráveis às instabilidades políticas e uma sociedade pouco articulada e participativa no que diz respeito à governança de diversos setores, inclusive da cultura. Nesse sentido, o Museu da Vida é privilegiado, pois seu vínculo institucional com a Fundação Oswaldo Cruz tem permitido construir e fomentar um ambiente de reflexão sobre as relações da saúde com as ciências, a história, a cultura, a sociopolítica e a vida cotidiana do país, estabelecendo, assim, um espaço menos suscetível a essas instabilidades.

No contexto internacional, em particular nos universos norte-americano e europeu, passou-se do período de explosão no número de instituições museológicas e começa-se a perceber um cenário de estabilização ou mesmo de fechamento dessas instituições. Muitos museus, grandes e pequenos, têm enfrentado redução no número de visitantes. Já aqueles que têm se articulado de forma mais integrada com o seu público têm conseguido reverter e mesmo inverter esse quadro. O financiamento dos museus também tem sofrido cortes drásticos nos últimos anos, em função da crise financeira internacional, que afeta as nações como um todo.

Já nos países emergentes, muitos centros urbanos possuem museus em número equivalente à média das

grandes cidades de países desenvolvidos. No entanto, as desigualdades sócio-históricas, nesses casos, expressam-se em sua distribuição – nacional, regional e local – e se revelam nas estatísticas de acesso, quando considerados a renda, a faixa-etária, a escolaridade e indicadores de desenvolvimento humano relacionados a seus visitantes. A distribuição de museus no Brasil, por exemplo, segue a lógica de concentração geográfica – em todos os níveis – e de renda da população brasileira. Ou seja, estas instituições estão presentes marcadamente nas regiões Sul e Sudeste; nestas, estão aglomeradas nas metrópoles e capitais, e, ainda dentro destas, os museus localizam-se em zonas com maior e melhor desenvolvimento urbano, social e econômico.

Crises financeiras, desigualdades sociais e todas as transformações constantes pelas quais passam as sociedades exigem que as instituições museológicas em todo o mundo repensem a si mesmas e o seu papel no tocante a diversos aspectos: sua relação com o público, práticas colaborativas e de participação social, consolidação como um espaço de encontro democrático e inclusivo, interatividade e dinamismo das exposições, formação e manutenção de coleções, interdisciplinaridade, habilidade de gerar conexões afetivas, capacidade de se expandir para além dos muros institucionais, competência para ser uma instituição crítica e engajada politicamente e, principalmente, para ser parte de sua comunidade, em particular naquela em que está fisicamente inserida, transformando-a em seu principal território de ação.



O Museu da Vida possui uma interlocução privilegiada com seu entorno, povoado por comunidades em situação de vulnerabilidade social. Desde sua inauguração, uma frente de ações territorializadas – que leva atividades para a população dos arredores e também a convida para participar de atividades específicas no Museu – integra seu programa educativo.

Resgatar a história e refletir sobre o contexto presente é também uma luz para o futuro. Dentro das novas perspectivas museológicas, é fundamental que o Museu da Vida se reforce enquanto local de encontro e diálogo, e como equipamento cultural para o território que ocupa. O Museu precisa se fortalecer como um ator capaz de influenciar o desenvolvimento humano de uma região historicamente excluída do mapa cultural do Rio de Janeiro. Valorizar a participação e os saberes dessa população, além dos hábitos, linguagens e manifestações artísticas locais é hoje tão importante quanto levar a ela o conhecimento científico produzido dentro e fora da Fiocruz.

Nesse sentido, a requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), conjunto de edificações históricas que compõem a área na qual a instituição se instalou há mais de 100 anos, prevê um reposicionamento do papel do Museu da Vida quanto ao espaço que ocupa na cidade e a sua própria forma de ser. O projeto, que ampliará os espaços expositivos do Museu, propõe novos usos para a área urbana e para as edificações históricas inscritas no núcleo originário

do *campus* da Fiocruz em Manguinhos. Tal proposta está calcada em princípios e diretrizes que refletem os valores e a identidade dessa instituição, preservam e valorizam seu patrimônio cultural e intensificam sua relação com a cidade do Rio de Janeiro. As intervenções previstas nesse plano de requalificação estão voltadas à configuração de um “*campus-parque*”, com atividades socioculturais voltadas à população, considerando as vocações da Fiocruz em pesquisa, educação, preservação patrimonial e ambiental e divulgação científica.

A dimensão desse projeto nos coloca diante de uma série de desafios a serem enfrentados ao longo de seu desenvolvimento e implantação. É necessário desvelar o nosso espaço físico e as diversas camadas históricas de sua ocupação. É preciso criar novas conexões entre a própria comunidade científica, entre quem produz ciência e a sociedade, entre a instituição e os territórios em que ela se insere, entre os locais em que está presente e a cidade que a rodeia, entre o lugar em que está e o mundo que a cerca. Apesar desses desafios – ou melhor, justamente por causa deles –, temos pela frente um cenário promissor e instigante, de desenvolvimento de um museu de ciências que incorpore em suas ações as perspectivas museológicas introduzidas há décadas por museus comunitários e ecomuseus, que debata a ciência intensamente no local onde ela se desenvolve há mais de um século, e que seja capaz de interconectar processos de engajamento do público com a ciência a processos de valorização do patrimônio histórico-cultural.

Museu da Vida no território

Desenvolver ações culturais e de divulgação científica nas comunidades da região é uma marca do Museu da Vida, marca esta que se insere na missão da própria Fiocruz enquanto agente que contribui para a melhoria da saúde pública no Brasil.

Atuando à luz das determinações sociais da saúde, o Museu da Vida promove ações específicas para públicos historicamente excluídos, invertendo uma lógica de acesso escasso à cultura, à educação e à ciência. As diversas atividades concebidas com este fim criam conexões não apenas entre o Museu e jovens do território, mas também entre

ele e organizações parceiras que atuam no território e na cidade.

A partir dessas ações, o Museu da Vida busca não apenas dar atenção à região em que está inserido, mas também desconstruir a ideia de uma cidade partida, promovendo o encontro e o diálogo entre desiguais. O Curso de Formação de Monitores, entre 1999 e 2011, foi uma das primeiras iniciativas realizadas nesse âmbito. Ao longo dos anos, surgiram outras ações, como o projeto Tecendo Redes, a exposição “Território em Transe”, o Expresso da Ciência, o Grupo de Ações Territorializadas e o Programa de Iniciação à Produção Cultural.



▲ Alunos do Ceja (Centro de Ensino de Jovens e Adultos), na Maré, participam de oficina sobre dengue, zika e chikungunya.





▲ Público visita a exposição "Território em Transe" em uma rua do Parque João Goulart, Manguinhos.

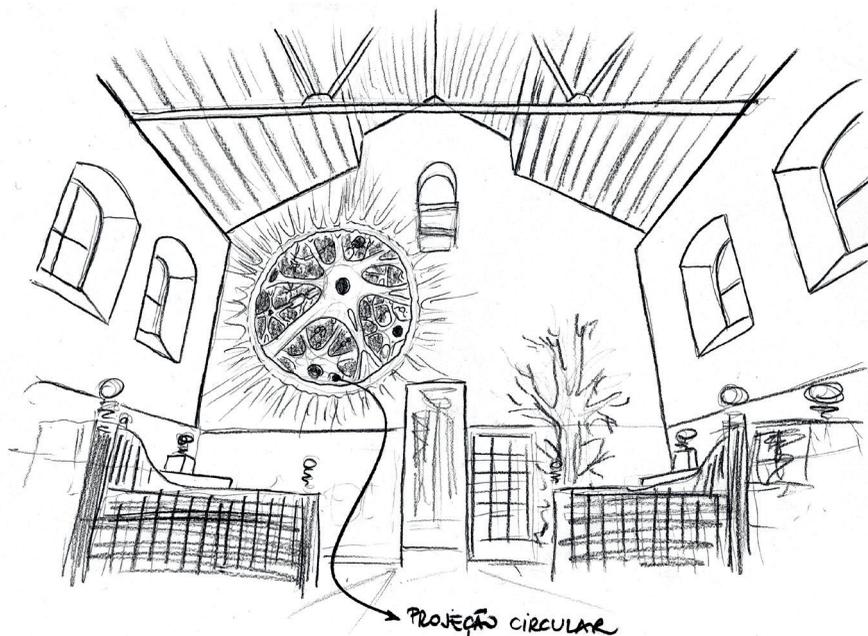
Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos – NAHM

O Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos é uma intervenção no núcleo original e constituinte do que hoje denominamos como Fundação Oswaldo Cruz. Este espaço é particularmente caracterizado por marcas distintas de uma ocupação extremamente relevante sob as perspectivas históricas, culturais e sociais.

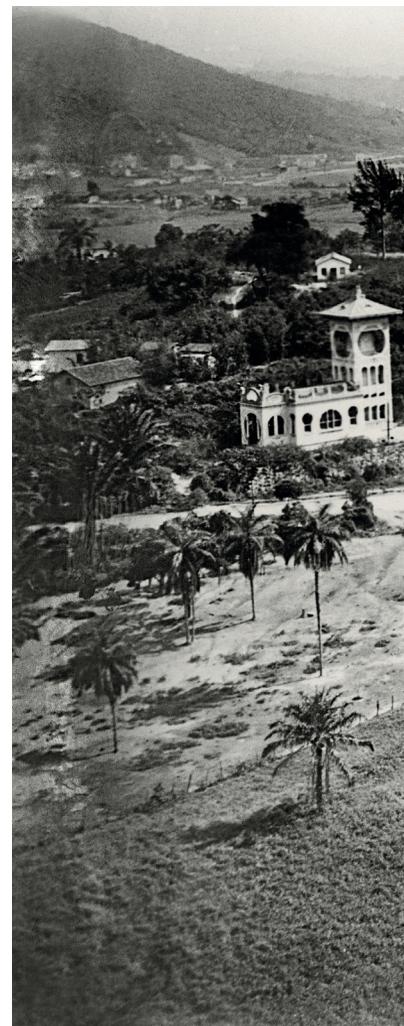
Trata-se de uma área que registra a presença dos Tupinambás, de duas sesmarias que resultaram na Freguesia de Inhaúma em 1743 e que foi parte de diversos ciclos econômicos. Viu-se desenvolver como zona rural até que veio a abrigar o Instituto Soroterápico Federal,

embrião da Fiocruz, iniciando um novo capítulo na história da saúde brasileira. Desde então, já vivenciou ciclos de crescimento e decadência urbanos e socioeconômicos da região e da cidade.

Ao se requalificar um núcleo dessa natureza, é primordial, portanto, que o projeto valorize as marcas de ocupação histórica, que considere questões relativas às áreas de saúde, ciências, história, arquitetura e urbanismo, patrimônio cultural, que respeite o *ethos* sociocultural dessa instituição e do território onde se situa, e, por fim, que considere a continuidade das atividades atribuidoras de significado ao lugar.



Pronto para o futuro: croqui da nova exposição planejada para a Cavalaria, um dos espaços do NAHM. ▲



▲ Conjunto arquitetônico de Manguinhos, na década de 1930. Algumas edificações, como a antiga cavalaria ao lado do Castelo e o aquário (prédio mais esquerda), foram demolidos.



Além de valorizar a memória da Fiocruz e de seus campos de atuação, o Plano de Requalificação do NAHM também permitirá a expansão dos espaços de exposições do Museu da Vida. Essa ampliação prevê o acréscimo de novas áreas expositivas, a revitalização das áreas atuais

e novos usos do *campus* da instituição para ações de divulgação da ciência, tudo isso com base em cinco eixos temáticos: Saúde pública no Brasil; Ciência e tecnologia em saúde; Saúde, ambiente e sustentabilidade; Acervos culturais da saúde e Fiocruz e as cidades.

Amigos do Museu da Vida: uma rede de saúde, ciência e cultura

Desde o início de sua atuação, o Museu da Vida vem atuando na diversificação de suas fontes de receita, no intuito de garantir para si uma maior sustentabilidade financeira. Dessa preocupação surgiu o projeto Ciência Móvel - Vida e Saúde para Todos e, com ele, um modelo diferenciado de captação de recursos. A partir dessa experiência, organizou-se no âmbito da Casa de Oswaldo Cruz o Escritório de Captação, vinculado atualmente à presidência da Fiocruz e responsável pela formalização da relação do Museu com parceiros e patrocinadores.

Em 2015, o Museu da Vida e o Escritório de Captação criaram o Programa Ami-

gos do Museu da Vida: uma rede de saúde, ciência e cultura. Esse programa visa criar relações mais próximas e duradouras com parceiros e patrocinadores e concentrar as ações de captação de recursos direcionadas ao Museu da Vida, de forma a potencializá-las.

Por reunir em suas iniciativas temáticas e áreas diversas, tais como ciências, saúde, cultura, educação e meio-ambiente, o Museu da Vida tem um grande potencial de agregar fontes oriundas de diferentes campos e modalidades. Em particular, as leis de incentivo à cultura têm sido importantes aliadas, constituindo-se na principal fonte de recursos e parceiros desse programa.



Alunos do Programa de Iniciação à Produção Cultural aceitam o convite proposto pelo Expresso da Ciência.



▲ Cena de A vida de Galileu, de Bertold Brecht, em montagem do Museu da Vida. Temporada de 2016.



▲ Expresso da Ciência, ônibus gratuito criado para facilitar o acesso dos estudantes de escolas públicas ao Museu da Vida.

Em 2017, o Programa Amigos do Museu da Vida chega ao seu terceiro ano, tendo permitido até aqui a expansão das receitas totais diretas do Museu da Vida em aproximadamente 25%. Seu carro chefe é o Expresso da Ciência, que vem atuando de forma a mitigar dificuldades de mobilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro ao trazer ao Museu, em um ônibus próprio, alunos de escolas públicas, sobretudo de áreas favelizadas. Além disso, o programa já permitiu a renovação de áreas expositivas e de equipamentos do Museu e a montagem de novas peças teatrais no âmbito do Ciência em Cena, em particular de “A Vida de Galileu”, de Bertolt Brecht, em 2016, grande sucesso de público e crítica.

Depoimentos

“Um museu de ciência com determinadas características pode acontecer em qualquer lugar. Mas um museu tem vantagens totalmente diferenciadas se ele possui um território com todas as dimensões de uma cultura, de uma instituição, de um patrimônio científico e arquitetônico. A ampliação do Museu [no âmbito da requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos] não será apenas de espaços, mas também uma ampliação qualitativa. (...) As referências entre o patrimônio e o campo da comunicação e da mediação na área da educação e da ciência têm que ser exploradas no seu limite.”

Paulo Gadelha,
em entrevista concedida em 2016

“Esse posicionamento enquanto arena de debate é algo que poderia ser mais avançado e fortalecido [no Museu da Vida] – cada vez mais se afirmar nesse diálogo entre ciência e sociedade, se colocar, não ter medo de debater os temas que ainda estão mobilizando opiniões contrárias, trazendo discordâncias e falta de consenso. Pode ser através de exposições, de mesas-redondas, porque é uma forma de debater a contemporaneidade e a posição das pessoas diante da ciência. Isso é uma questão importante em termos de políticas públicas: contribuir para que o cidadão esteja apto a se manifestar, votar, opinar nas redes sociais etc., contra ou a favor de determinadas questões.”

José Ribamar Ferreira,
em entrevista concedida em 2016

“O Museu está numa encruzilhada boa. Ele vai ter que dizer a que veio por meio da renovação das suas maneiras de interagir com os temas sociais, da capacidade de empoderar a sociedade sobre seus rumos (o que não é uma questão fácil), da escolha correta de temas e questões mais relevantes e da criatividade de acompanhar, na sua tarefa específica de mediação, quais são as inovações colocadas no cenário mundial.”

Paulo Gadelha,
em entrevista concedida em 2016

“O Museu está saindo da adolescência e chegando à maioria. Eu acho que o grande papel do Museu é integrar mais o conjunto da Casa de Oswaldo Cruz, a partir da proposta de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos [NAHM]. Isso é um grande centro de convergência, de integração da Casa e do Museu. E o Museu é importante tanto no processo de definição do NAHM como de recheio do NAHM.”

Gilson Antunes,
em entrevista concedida em 2016

“A requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos [NAHM] é um desafio importante. Assim como o projeto Niemeyer, que não conseguiu se concretizar, o NAHM pode ser uma nova oportunidade para o Museu da Vida dar um salto de qualidade dentro e fora da Fiocruz, em termos de mudança de abrangência física, política e simbólica. Seria muito bom que esse projeto avançasse na proporção que a gente imagina, o que é um desafio enorme.”

José Ribamar Ferreira,
em entrevista concedida em 2016

“[O Museu enfrenta] o desafio da promoção da cidadania, com enfoque especial para essas áreas que dividem o território com a instituição e outras áreas excluídas social e geograficamente. É preciso investir mais nisso, criar e aprofundar mecanismos de percepção da saúde enquanto qualidade de vida. Ou seja, trabalhar a questão da saúde nessa perspectiva envolve promoção da cidadania, envolve diálogo com essas comunidades, além do trabalho da Fiocruz com toda a população, de produção de fármacos, de vacinas etc.”

José Ribamar Ferreira,
em entrevista concedida em 2016

“Nos próximos anos, eu vejo um desafio importante para as atividades que o Museu já realiza e ele está ligado à dimensão pública da ciência, às conferências de consenso – ou consultas públicas, como a gente queira chamar. Cada vez mais vai ser necessário que temas polêmicos, candentes, que passam pelo legislativo e por uma agenda muitas vezes conservadora, tenham uma contribuição de espaços museais para promover esse diálogo com o público. Não se trata apenas de divulgação, mas de diálogo. Essa é uma função fundamental.”

Nísia Trindade,
em entrevista concedida em 2015



▲ Representação digital da revitalização do Pombal, segundo o projeto NAHM.